

Premonição nas Telenovelas: Uma Abordagem a Partir de Referências Intertextuais¹

Paula Beatriz Domingos Faria²
Cristina Brandão³

Universidade Federal de Juiz de Fora, MG

RESUMO:

O sobrenatural e o fantástico são temáticas recorrentes em diversas obras de ficção audiovisual, onde as telenovelas buscam referências constantemente, principalmente no que diz respeito a personagens com dons especiais, como o da premonição. Por outro lado, o estabelecimento de uma verossimilhança é visto como fundamental para o sucesso das obras de ficção televisiva. A partir destes pressupostos, o objetivo deste trabalho é analisar as formas como a premonição é abordada a partir de exemplos de telenovelas recentes que possivelmente tiveram como referência o sucesso de séries e filmes de grande sucesso.

PALAVRAS-CHAVE: Telenovelas; intertextualidade; premonição; verossimilhança.

INTRODUÇÃO

Entre as temáticas mais presentes em telenovelas estão aquelas ligadas à religiosidade e ao sobrenatural. Como lembram Mungioli, Lemos e Karhawi (2011), muitos dos grandes autores brasileiros se utilizaram da literatura fantástica em suas obras para abordar temas ligados à nossa realidade. Já nas narrativas televisivas, esta temática passou a estar muito mais presente a partir da década de 1970.

O realismo fantástico se apresenta, portanto, na década de 1970 nas telenovelas da Globo e, a partir da década de 1990, o gênero também pode ser notado nas minisséries da emissora. Dois grandes autores da ficção televisiva se tornaram responsáveis por tramas tecidas com base no universo do realismo fantástico: Dias Gomes e Janete Clair, porém não foram os únicos, outros autores como Ivani Ribeiro, Aguinaldo Silva, Ricardo Linhares, Luiz Fernando Carvalho também devem ser lembrados como adeptos do gênero (MUNGIOLI, LEMOS, KARHAWI, 2011, p. 2).

Dentro deste mesmo universo estão as narrativas ligadas ao sobrenatural, quase sempre explicadas com base na fé e na religiosidade. A partir de um levantamento das tramas televisivas exibidas entre 1971 e 2010, as autoras citados acima verificaram “a recorrência de temas ligados à reencarnação, ao espiritismo, ao insólito, ao fantástico e à paranormalidade” (MUNGIOLI, LEMOS, KARHAWI, 2011, p. 7). Um exemplo muito comum é a premonição, tão presente em

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora; Pós-Graduada em TV, Cinema e Mídias Digitais e Bacharel em Comunicação Social pela mesma instituição. E-mail: paulabdfaria@gmail.com

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, orientadora do trabalho.

telenovelas brasileiras, que não está necessariamente ligado ao sobrenatural, já que se admite a possibilidade de pessoas “comuns” e sem religiosidade terem premonições.

A narrativa fantástica se constitui por meio de uma profunda relação com a realidade; sua força encontra-se na construção de uma trama que, concomitantemente, articula o ordinário (comum, cotidiano) ao extraordinário, ou ainda, o temporal ao intemporal, pois produz sentido ao colocar em jogo as angústias, os medos, as dúvidas que se articulam com o tempo da história, das personagens e com o tempo e os temas da própria dimensão ontológica humana face à filogênese e à sociogênese (MUNGIOLI, LEMOS, KARHAWI, 2011, p.15).

As personagens de Lília Cabral em “Viver a Vida”⁴ (Tereza) e “Fina Estampa”⁵ (Griselda) tiveram premonições quando seus filhos estavam em situações de perigo: no primeiro caso, a personagem de Aline Moraes (Luciana) sofre um grave acidente que a deixa tetraplégica. No segundo, Antenor (vivido pelo ator Caio Castro), após ser seqüestrado a mando da rival de sua mãe, Teresa Cristina (Christiane Torloni), sofre uma tentativa de homicídio. Estes dois casos são exemplos da abordagem da premonição de maneira ocasional, ou seja, a trama apenas mostra a premonição como manifestação da sensibilidade materna quando um filho corre perigo. Não parece, portanto, haver uma intenção de aprofundamento do tema.

Essa proximidade com a realidade não implica um distanciamento em relação ao fantástico, ao contrário, como vimos, a proximidade com o cotidiano, com a realidade possibilita e amplifica a criação de mundos ficcionais inscritos no insólito e no inexplicável (MUNGIOLI, LEMOS, KARHAWI, 2011, p. 6).

Porém, em “Fina Estampa”, mesma trama em que a personagem Griselda presente o tiroteio atingindo seu filho, também há uma abordagem mais insistente do tema: a personagem Luana (Joana Lerner) é uma prostituta que resolve se mudar para a pousada da hippie Zambeze, (Totia Meireles), quando descobre que tem o dom da vidência. E não é só na novela das 21h que a temática é abordada. Em “Aquele Beijo”⁶, Bruno Garcia interpretava Joselito, que tinha o dom da premonição, enquanto sua parceira de cena, Cláudia Jimenez, vivia a médium fajuta Iara. Já na atual telenovela exibida no horário das 18h, “Amor Eterno Amor”⁷, as premonições estão presentes na figura de Clara, personagem infantil interpretada por Klara Castanho.

⁴ “Viver a Vida” foi uma novela escrita por Manoel Carlos, exibida pela Rede Globo entre 14 de setembro de 2009 e 14 de maio de 2010, no horário das 21h.

⁵ “Fina Estampa” foi uma novela escrita por Aguinaldo Silva, exibida pela Rede Globo entre 22 de agosto de 2011 e 23 de março de 2012, também no horário das 21h.

⁶ “Aquele Beijo” foi uma novela de Miguel Falabella, exibida pela Rede Globo entre 17 de outubro de 2011 e 13 de abril de 2012, no horário das 19h.

⁷ “Amor Eterno Amor” é uma novela escrita por Elizabeth Jhin e exibida atualmente pela Rede Globo no horário das 18h.

Em “Aquele Beijo” a temática era tratada com humor (típico das telenovelas do horário) de forma descompromissada, enquanto em “Amor Eterno Amor” a premonição está ligada a uma filosofia ou religiosidade espírita, já propagada em outras tramas da mesma autora, exemplos do tipo de enredo que demonstra a crença e se reflete como parte das referências do telespectador.

Ao simular o mundo, conferindo aos simulacros uma independência crescente, a televisão acena com a morte das referências clássicas do real, dos modelos de representação, onde ainda se poderia pretender uma equivalência entre signo e real. Mas, para legitimar a sua operação a aplacar prováveis angústias, ela se obriga ao máximo de realismo ao nível de seus conteúdos. Um efeito “realista” procura escamotear a percepção da divisão radical entre produção e consumo, dirigentes e executantes, mas também torna mais aceitável a pedagógica demonstração do mundo pelo vídeo. Este se investe do antigo (oitocentista) “efeito de vitrine”, na compulsão de exibir, de apontar para um real que já não mais interessa aos projetos de poder. Não mais o discurso clássico da demonstração e da definição (que tem rastreado o racionalismo instrumental do Ocidente), mas a operação pura e simples de mostrar (SODRÉ, 1990, p. 41).

Ligados ao terreno do fantástico ou do sobrenatural ou não, os enredos das telenovelas passam a fazer parte da rotina dos telespectadores. “As questões e temas retratados pelas telenovelas estiveram inseridos em práticas culturais que permitiram aos sujeitos sociais redefinirem as suas posições nas relações cotidianas, deixando ver a importância vital que elas possuem junto ao processo de mediação” (FOGOLARI, 2002, p.89). Por esta razão é que os estudos a respeito destes enredos se tornam úteis para a compreensão de novas formas de referência para a vida cotidiana.

A VEROSSIMILHANÇA

Um dos aspectos que, segundo muitos autores, são essenciais ao sucesso das tramas televisivas é a verossimilhança da narrativa, e esta se torna uma questão intrigante quando se fala em narrativas que abordam o sobrenatural ou o fantástico. Desta maneira, faz-se necessária uma breve discussão sobre este aspecto. Para Andrade (2003), a verossimilhança é um dos mais básicos elementos que estabelecem uma relação entre o mundo ficcional e a vida cotidiana. A autora lembra que, conforme a lógica de Aristóteles, a verossimilhança está relacionada a uma adequação ao que poderia ter acontecido e não ao que aconteceu realmente. Nesse sentido, uma trama verossimilhante é aquela que dá a impressão de ser verdadeira, mesmo sendo um produto de ficção, ou seja, para ser verossimilhante, a trama depende de seu potencial fictício.

Nesse sentido, um traço irreal pode tornar-se verossimil, mas, inversamente os dados mais autênticos parecem irreal e mesmo incompreensíveis se a organização interna do enredo não os justificar. Esta coerência na organização é o princípio que dá ares de veracidade à narrativa; se ela falha, o sentimento de identificação se perde (ANDRADE, 2003, p.70).

Andrade (2003) defende que o telespectador precisa se envolver emocionalmente com a trama televisiva para que a obra seja vista como genuína. O prazer dos telespectadores ao assistirem às telenovelas se encontra no princípio da realidade e, quando a trama é vista como um espelho da vida real, é preciso que se admita que possa se tratar de um espelho distorcido. “A realidade apresentada deve coincidir com a realidade social das pessoas ordinárias. Esta realidade deve ser reconhecível, comparada com o ambiente de cada um, deve ser provável, isto é, coerente e normal. A trama é chamada de não-realista quando se simplifica esta realidade” (ANDRADE, 2003, p. 58). Portanto, havendo afinidades ou não entre o telespectador e o personagem é preciso que os primeiros possam acreditar que os segundos são pessoas reais.

Na visão de Tesche (2001), o mundo da ficção ganha vida na mente do telespectador porque provoca neste uma suspensão voluntária da incredulidade e uma concessão, sem restrições, de crédito às tramas. Não se trata, portanto de estar ou não de acordo com o mundo real, pois as narrativas necessitam apenas de uma coerência interna para serem bem aceitas, apesar de, muitas vezes, seus enredos mostrarem situações que contradizem as chamadas leis naturais ou lógicas. Para o autor, as obras de ficção televisivas precisam ser entendidas como janelas para o mundo contemporâneo, onde as delimitações entre realidade e representação não estão bem definidas. “A compreensão desse fenômeno requer uma epistemologia operativa que seja sensível aos múltiplos e sutis matizes de diferenças e semelhanças que tecem a densa retícula de interdependências entre o real e a imaginário amalgamados numa leitura unificadora” (TESCHE, 2001, p. 5).

O autor citado acima também fala da idéia defendida por Goodman de que vivemos em realidades múltiplas, e não em apenas uma, e de que estas várias realidades resultam de fatores que não remontam a finais imutáveis. Novos mundos são constantemente criados com base em mundos já conhecidos. Desta forma, ele acredita que as obras de ficção mostradas na TV não são encaradas como diferentes da realidade, “pelo contrário, são condições que tornam possíveis a produção de mundos, de cuja realidade, por sua vez não se pode duvidar, já que podemos ter acesso ao inacessível inventando possibilidades” (TESCHE, 2001, p. 5). O estudioso afirma ainda que:

A ficcionalidade é definível unicamente a partir de considerações de índole pragmática, isto é, de convenções institucionalizadas que regulam o comportamento do telespectador diante do tipo de discurso próprio da comunicação ficcional. O que determina tanto a lógica interna dos mundos ficcionais como a própria noção de realidade são convenções social e historicamente condicionadas (TESCHE, 2001, p. 5).

Por outro lado, Fogolari (2002) afirma que a telenovela, além de representá-lo, mantém um diálogo com o mundo dos telespectadores e se ancora através da manutenção da atualidade e da pertinência. “É comum o país inteiro se debruçar sobre temas do cotidiano visibilizados pelas

telenovelas, o que nos faz acreditar que esta é a grande linha mágica que liga o grande público à trama fictícia: a identificação e a cumplicidade entre narrativa e receptor” (FOGOLARI, 2002, p.27). A autora relembra a visão de Motter, ao dizer que as telenovelas abordam fatores decisivos de extrema importância da vida cotidiana de seus telespectadores e que os autores de obras de ficção seriada para TV escrevem suas histórias baseados em suas vivências. Ela afirma que a idéia de que “a ficção está sempre copiando, retratando a realidade, é muito presente quando o tema é novela e, por extensão, qualquer obra de ficção. Parece que ficção e realidade possuem demarcações próprias, espaços que lhes são instituídos: ficção – mentira; realidade – verdade” (FOGOLARI, 2002, p.185). Sobre este assunto, o ponto de vista de Muniz Sodré (1988) também é bastante esclarecedor:

Para tal sistema, é preciso, portanto, ‘objetivar’ o imaginário (expropriando-o do indivíduo ou de quaisquer zonas indeterminadas) ou ‘ficcionalizar o real’ fazendo com que os simulacros ganhem um princípio de realidade (que eles não sejam ‘sonho’, pois tudo é feito ou filmado sob a ótica do ‘social’) – é o que precisamente realiza a tevê, ao fundir imaginário e realidade, criando um espaço próprio, simulado, ‘surreal’ (SODRÉ, 1984, p.67, apud. ALMEIDA, 1988, p.81).

Para Mungioli, Lemos e Karhawi (2011, p. 2), a verossimilhança como princípio fundador das obras de ficção, “ganha modulações que moldam o mundo ficcional e o inserem em uma multidimensionalidade espacial ou temporal na qual as leis da natureza tais como as conhecemos são subvertidas”. Mais especificamente sobre os temas ligados ao fantástico, as autoras crêem que “a adoção de temas e de personagens que remetem ao fantástico evidencia características culturais que aproximam a obra artística do público, solicitando deste uma identificação que passa pela hesitação e pela busca de respostas frente ao improvável, embora verossímil” (MUNGIOLI, LEMOS, KARHAWI, 2011, p. 15).

Conclui-se, a partir das reflexões dos autores citados que, a verossimilhança é uma condição que torna a trama aceitável dentro dos padrões fictícios e não apenas uma semelhança entre o enredo das telenovelas e a realidade dos telespectadores.

A PREMONIÇÃO EM OUTRAS OBRAS AUDIOVISUAIS

Quando se fala em premonição dentro de narrativas de ficção, é natural que se lembre do bem sucedido filme de suspense com o mesmo nome, intitulado originalmente “Final Destination”⁸. No filme, o protagonista Alex Browning (Devon Sawa) pressente sua própria morte e a de seus amigos

⁸ “Final Destination” foi produzido nos Estados Unidos em 2000, dirigido por James Wong e escrito por Glen Morgan e Jeffrey Reddick.

no avião que vai levá-los a Paris, em uma viagem de formatura. A partir de então, ele tenta salvar sua vida e as dos amigos enquanto é perseguido pela morte. O personagem começa a perceber referências ao azar e à morte assim que chega ao aeroporto, mas a premonição da explosão do avião só ocorre quando ele está dentro do avião, que realmente explode, sendo ele um dos sobreviventes, que é perseguido por agentes do FBI e visto por alguns colegas como uma espécie de bruxo. Mais tarde, ele também prevê a morte dos amigos que estavam no vôo, mas não morreram na explosão.

A lembrança do que ocorre no conhecido filme é apenas um exemplo do que podemos chamar de intertextualidade das produções audiovisuais. Nas telenovelas também encontramos previsões de morte em que, quem prevê nem sempre consegue salvar a própria vida ou a de outro personagem. Motter (2004), classifica os empréstimo feitos pelas telenovelas como sendo:

as apropriações que a telenovela faz de sua própria série (intragênero) – telenovelas do mesmo autor (intra-autor), de outros autores (interautor), do mesmo ou de outros horários (intra ou intergrade), de outros formatos, como as minisséries (intergêneros) – da programação geral do próprio veículo em que está inserida, genericamente do meio TV (intraveículo), como *shows*, programas de auditório, de humor, telejornais (intergrade). De outras séries como a literatura, o cinema, o teatro, a história, a imprensa, entre outros, enquanto universos particulares ou especializados do discurso, outras linguagens ou outros sistemas semióticos (MOTTER, 2004, p. 262-263).

Para a autora, além de as telenovelas se multidimensionarem através dos empréstimos que fazem de outros gêneros e formatos, elas buscam, no universo cultural em que se inserem, nutrientes que as auxiliam em sua tarefa constante de produzir sentidos. “O alargamento dos sentidos e a diversidade entrelaçam diferentes audiências e levam a telenovela brasileira a ultrapassar fronteiras e participar de um fluxo cultural transnacional” (MOTTER, 2004, p. 289). Motter afirma que não se pode falar em limites regionais, pois, neste contexto, há uma interpenetração entre o global e o local. Sendo assim, as telenovelas vivem num incessante processo de busca de referências tanto em gêneros ficcionais quando na realidade.

Lembremo-nos de que os gêneros, presentes desde os gregos, reencontram-se reciclados ou transmutados no campo literário e transformam-se fundamentalmente, em base de sustentação para a produção do ficcionismo nos meios audiovisuais, originando, por sua vez, Gêneros híbridos. Um novo gênero é, segundo Todorov (1981), sempre a transformação de um ou vários gêneros antigos; por inversão, por deslocamento, por combinação. Um texto de hoje deve tanto à poética como ao romance do século XIX, assim como a comédia lacrimajante combina as características da comédia e da tragédia do século precedente. Nesse sentido, falar em gêneros audiovisuais é pensar na possibilidade da mistura de variadas linguagens e possibilidades de articulação entre oralidades, escrituras e imagens (ANDRADE, 2003, p. 44).

Outros filmes que abordam o sobrenatural e, mais especificamente, a premonição, são os da série “Crepúsculo” (originalmente “Twilight”)⁹, baseados na obra de Stephenie Meyer, que aborda diversos poderes atribuídos a lobisomens e vampiros. É interessante ressaltar que a própria obra de Meyer foi inspirada em diversas outras obras, tidas como clássicos da literatura: “Crepúsculo” se baseia em “Orgulho e Preconceito”, de Jane Austen; “Lua Nova”, em “Romeu e Julieta”, de William Shakespeare; “Eclipse”, em “O Morro dos Ventos Uivantes”, de Emily Brontë; e “Amanhecer”, em outros dois livros de Shakespeare, “Sonho de Uma Noite de Verão” e “O Mercador de Veneza”. Porém, Balogh (2006) acredita que, diferentemente do que ocorre nas obras literárias, a intertextualidade presente nos programas brasileiros de ficção seriada televisiva os torna ainda mais plurais e transformadores.

Tais mecanismos ocorrem preferencialmente nas novelas das sete da Rede Globo que têm como público alvo os jovens. Apenas à guisa de exemplo se podem mencionar novelas como *Vamp e O beijo do vampiro*. Em tais novelas houve citações e até plágios dos cliques mais ‘dark’ do mega-star Michael Jackson, tais como *Thriller e Black or White*, houve citação de cineastas do gênero, alusões a filmes e obras literárias de vampiro, retomada de funções narrativas próprias do gênero, tais como abordagem das vítimas pelo ataque ou pela sedução, seguida da tradicional mordida, etc. A lista poderia seguir indefinidamente, mas acredita-se que os exemplos sejam suficientemente ilustrativos para mostrar quão abarcadora e plural se tornou a ficção seriada brasileira em termos de utilização criativa e transformadora da intertextualidade. Nada escapa à voracidade criativa da TV; referências, alusões, plágios, citações, em suma, cada um dos formatos se torna, com frequência uma verdadeira recriação de todas as características do gênero de base utilizado na criação intertextual recorrendo a todas as séries possíveis que dele tenham se servido ao longo da diacronia e que a criação televisiva usa de forma transformadora seguindo implacavelmente a lei de Lavoisier (BALOGH, 2006, p. 4-5).

Como este trabalho se propõe a analisar, dentro do universo da ficção sobre o sobrenatural, a temática específica da premonição, a personagem selecionada na série “Crepúsculo” é Alice Cullen (Ashley Greene), uma vampira que tem visões subjetivas do futuro. Ela é irmã adotiva do protagonista Edward (Robert Pattinson) e amiga da também protagonista Bella (Kristen Stewart). Alice nasceu em 1901 e, antes de se tornar vampira, já tinha premonições. Por conta disso foi internada em um sanatório, onde foi perseguida por James (um vampiro rastreador), mas liberta e transformada por um outro vampiro que trabalhava no local. Ela faz várias previsões sobre a própria vida, como a união com Jasper (Jackson Rathbone), o encontro com a família Cullen, da qual os dois passam a fazer parte e a amizade com Bella. Alice também prevê muitas perseguições e situações de perigo envolvendo Bella. O dom de Alice é instável, pois ela prevê um futuro incerto, só sabendo o que vai acontecer depois que os personagens tomam alguma decisão. Além disso, ela

⁹ Os filmes até agora lançados são os seguintes: “Crepúsculo” (dirigido por Catherine Hardwicke), “Lua Nova” (dirigido por Chris Weitz), “Eclipse” (dirigido por David Slade) e “Amanhecer Parte 1” (dirigido por Bill Condon). Todos eles foram adaptados por Melissa Rosenberg.

só pode prever situações ligadas à sua existência, ou seja, a humanos e vampiros, não podendo prever nada sobre lobisomens e Reneesme (filha de Bella e Edward).

A presença de Alice ao lado de Bella e sua função coadjuvante de ajudar a protagonista a se livrar de situações de perigo através das premonições se assemelha ao que ocorre em “Amor Eterno Amor” com os personagens Clara (Klara Castanho) e Rodrigo/Carlos (Gabriel Braga Nunes), pois a menina, ao afirmar que Rodrigo é seu melhor amigo, também tenta impedir, através de suas premonições, que ele tome decisões que prejudicarão sua felicidade, além disso, ela o ajuda a descobrir fatos obscuros de seu passado. As semelhanças são várias, apesar de “Amor Eterno Amor” estar ligada claramente aos preceitos espíritas e os filmes da série “Crepúsculo” se relacionarem ao vampirismo, com temática ligada ao fantástico. Esta incorporação de elementos de outras narrativas pelas telenovelas já foi bastante analisada por Motter:

No caso brasileiro, a telenovela vem mostrando plasticidade para incorporar elementos de outros gêneros ficcionais e não-ficcionais, além de incorporar elementos da realidade que lhe garantem a manutenção de intenso diálogo com o cotidiano social concreto do país. Situada no passado ou no presente, tratando de temas históricos ou puramente ficcionais, a telenovela incorpora em sua narrativa elementos de diversos sistemas semióticos e fala do hoje, rearticulando dados da memória coletiva na produção de sentidos renovados e se firma como documento histórico, lugar de memória, refratando, pela ótica ficcioautoral, um momento do processo de desenvolvimento da sociedade brasileira (MOTTER, 2004, p. 251-252).

Sobre a temática espírita presente em “Amor Eterno Amor”, pode-se relacioná-la ao recente sucesso do espiritismo no conteúdo das obras cinematográficas brasileiras. Em 2010, dois dos grandes sucessos de bilheteria do cinema nacional foram filmes que tratam do espiritismo. São eles: “Nosso Lar” (dirigido por Wagner Assis) e “Chico Xavier” (dirigido por Daniel Filho, que ficou conhecido por seu trabalho na produção de telenovelas da Rede Globo). Após o sucesso deste último filme, a Rede Globo adaptou a obra para a televisão e exibiu, em janeiro de 2011, a minissérie “Chico Xavier”, com uma história praticamente igual à do cinema, com algumas cenas inéditas e linguagem diferente, mas com o mesmo elenco e o mesmo diretor, Daniel Filho. Em 2012, a trama escrita por Elizabeth Jhin se apropria da mesma temática, envolvendo auras e reencarnações, com uma abordagem diferenciada, através da personagem Clara, uma criança dócil, que dá leveza ao tema. Quando se fala em filmes espíritas, cria-se a idéia de defesa de uma ideologia, quando se fala em “Amor Eterno Amor” como uma novela espírita, isto não acontece.

Como se analisou, nada escapa à voracidade e à velocidade do meio televisão na criação intertextual transformadora que pode abarcar desde simples citações ou alusões até verdadeiros *brainstormings* de diferentes gêneros com precedência de um deles, estratégia esta de criação na qual se testam as possibilidades do intertextual e das diferentes materialidades que podem compor as diferentes séries utilizadas até o limite. Na ficção seriada de TV a criação parece centrada na lei de Lavoisier desafiando a maestria de

realizadores e de críticos nas experimentações com estes vastíssimos ‘tecidos de relações’(BALOGH, 2006, p. 6).

A novela “O Profeta”¹⁰ é recordada por Raquel Paiva e Muniz Sodré (2007) como uma representante de um passado recente em que as telenovelas começaram a se aprofundar na abordagem dos preceitos espíritas, mas sem deixar de se inspirar em outras obras de ficção. O ator Thiago Fragoso viveu, nesta trama, seu primeiro protagonista: Marcos, um jovem ambicioso que tem o poder da premonição, tendo previsto a morte do irmão e passado a ganhar dinheiro através de seu poder.

Os personagens de O Profeta foram calcados, ao longo de toda a novela, no filme O Ilusionista, um recente sucesso de bilheteria cinematográfica (2006), de Neil Burger. Depois de tratar com assiduidade o tema do espiritismo — sempre com uma versão mais *light*, ou seja, restrita a algumas aparições, premonições, sonhos, discussões em grupos espíritas — a novela passou, já perto do final, a “pastichar” sem maiores disfarces todo o argumento do filme de Burger, não apenas no que tange às apresentações com “fantasminhas” (supostos espectros de pessoas) no teatro, mas também à própria falsa morte da mocinha da trama. E não parou aí: No último capítulo, o vilão da novela é morto por envenenamento, graças à repetição da antiga cena da troca das taças, e o momento da sua partida para o além é uma cópia da morte do vilão do filme Ghost (1990), de Jerry Zucker. A novela sucedânea a O Profeta mantém a mesma linha de pastiche esotérico, que é inegavelmente um filão para aquele horário específico. De fato, vem-se observando a consolidação de um novo perfil de produção centrado nas temáticas esotéricas, ao lado das tradicionais produções de época (PAIVA; SODRÉ, 2007, p. 6).

Até a década de 1960, eram as séries norte-americanas as grandes representantes do gênero de ficção na TV na América Latina. Porém, como afirma Martín-Barbero (2004), quando as telenovelas mexicanas, brasileiras e venezuelanas começam a encontrar uma linguagem própria capaz de despertar o interesse do público, com sucessos como Beto Rockfeller, estas passam a tirar o espaço dedicado aos produtos de ficção seriada importados dos Estados Unidos na programação local. A partir deste momento, as produções nacionais se tornam mais confiantes em relação ao seu potencial de disputa com os seriados pelos horários nobres da televisão local. “Esse foi o momento de maior criatividade, quando essa heterogeneidade narrativa dinamizou as lógicas de uma produção capaz de carregar uma identidade cultural tão diversa e plural como a latino-americana” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 40). Apesar da inicial disputa entre telenovelas e séries, com o tempo percebeu-se que umas buscavam referências nas outras para comporem suas narrativas.

¹⁰ “O Profeta” é uma telenovela que foi exibida pela Rede Globo no horário das 18h entre 16 de outubro de 2006 e 11 de maio de 2007. Trata-se de uma adaptação da trama escrita por Ivani Ribeiro e exibida entre 1977 e 1978, na TV Tupi, feita por Duca Rachid e Thelma Guedes, escrita com Júlio Fischer, com a colaboração de Thereza Falcão e Alessandro Marson, supervisionada por Walcyr Carrasco e dirigida por Mário Márcio Bandarra.

A personagem Luana (Joana Lerner) de “Fina Estampa” é um exemplo de uma tendência que Bauman (1998) já havia detectado: a associação de poderes e habilidades especiais a pessoas comuns, não mais ligadas a seitas ou religiões. O mesmo acontece no seriado “Heroes”¹¹, cujas personagens são pessoas comuns que descobrem que possuem dons extraordinários, como a telepatia e a capacidade de voar. Assim como as visões da prostituta Luana, as habilidades dos integrantes de “Heroes” devem ser usadas para evitar a realização de desastres. Os incidentes que devem ser evitados são previstos nas imagens feitas por pintores com o dom de precognição. Isaac Mendez (Santiago Cabrera) é um dos personagens que podem pintar o futuro. Ele tem um poder que o permite pintar imagens do futuro enquanto se encontra em um estado que se assemelha ao de transe. Na maioria das vezes, suas pinturas retratam situações reconhecíveis, mas há casos em que podem haver múltiplas interpretações.

Sugiro que as pressões culturais pós-modernas, enquanto intensificam a busca de “experiências máximas”, ao mesmo tempo as desligaram dos interesses e preocupações propensos à religião, privatizaram-nas e confiaram principalmente a instituições não-religiosas o papel de provedoras dos serviços relevantes. A “experiência completa” da revelação, do êxtase, rompendo as fronteiras do ego e da transcendência total, outrora privilégio da seleta “aristocracia da cultura” - santos, eremitas, místicos, monges ascetas, tzadikim ou dervixes – e surgindo seja como um milagre não-solicitado, de maneira nada óbvia relacionado com o que o receptor da graça fez para merecê-lo, seja como um ato de graça que recompensa a vida de auto-imolação e abstinência, foi posta pela cultura pós-moderna ao alcance de todo indivíduo, refundida como um alvo realístico e uma perspectiva de auto-aprendizado para cada indivíduo, e recolocada no produto da vida devotado à arte do comodismo do consumidor. O que distingue a estratégia pós-moderna da experiência máxima de uma promovida pelas religiões é que, longe de celebrar a insuficiência e fraqueza humana assumidas, ela invoca o completo desenvolvimento dos recursos internos, psicológicos e fisiológicos do ser humano, e pressupõe infinita a potência humana. Prafraseando Weber, pode-se chamar a versão leiga e pós-moderna da experiência máxima “o êxtase deste mundo” (BAUMAN, 1998, p.223-224).

Outro seriado que possui a premonição em seu enredo é “O Vidente”¹², que se baseia na idéia da existência de uma zona morta nos cérebros humanos, uma região que aparentemente não possui nenhuma função e permanece inativa na maioria das pessoas, mas não no protagonista Johnny (Anthony Michael Hall), que tem sua “zona morta” ativada depois que sofre um acidente de carro que o deixa em coma por vários anos. Quando acorda, ele descobre que desenvolveu a habilidade de prever o futuro ao tocar em pessoas ou objetos. A partir de então, ele passa a solucionar crimes através de sua habilidade, mas sua tentativa de fazer o bem é comprometida quando ele passa a ter visões apocalípticas que envolvem o candidato às eleições Greg Stillson (Sean Patrick Flanery).

¹¹ A série “Heroes” foi criada por Tim Kring e estreou nos Estados Unidos em 2006, sendo produzida pela Universal Media Studios, em associação com Cauda Productions. No Brasil estreou em 2007.

¹²A série “O Vidente” tem como nome original “The Dead Zone”. Trata-se de uma obra baseada em personagens do livro homônimo do autor Stephen King, que estreou nos Estados Unidos em 2007. No Brasil, é exibida de tempos em tempos pelo SBT.

Trata-se de um seriado mais ligado à ficção científica do à sensibilidade ou religiosidade, como ocorre na maioria das telenovelas que tratam da premonição. Contudo, a tentativa de usar as habilidades ligadas à previsão do futuro para impedir desastres e ajudar outros personagens é uma constante tanto em seriados quanto em telenovelas.

Sobre os falsos videntes, como a mãe Iara (Cláudia Jimenez) de “Aquele Beijo”, pode-se recordar a série “Psych”¹³, cujo protagonista Shawn Spencer (James Roday) passa a trabalhar como vidente no Departamento de Polícia de Santa Bárbara, após solucionar um crime visto no noticiário. Por ter se tornado suspeito, já que a polícia acredita que ele tem informações demais sobre o crime, ele convence a todos de que é um vidente para não ser preso. A comandante da polícia afirma que, se for comprovado que seus poderes são falsos, ele será processado e, por isso, ele é obrigado a manter a farsa. Shawn participa da solução de casos de polícia utilizando apenas a observação e análise das circunstâncias e dos objetos, e não o poder da premonição. Em ambos os casos, “Aquele Beijo” e “Psych”, há um forte apelo ao humor, não sendo os personagens em questão tratados como vilões por estabelecerem uma farsa.

AS PREVISÕES DE CLARA, JOSELITO E LUANA

As previsões de Clara (Klara Castanho) em “Amor Eterno Amor” fazem lembrar Salete, personagem de Bruna Marquezine em “Mulheres Apaixonadas”¹⁴, que também tinha premonições e previu a morte da própria mãe. A menina percebia a presença de um anjo que simbolizava a morte de sua mãe (Vanessa Gerbelli) em seus pesadelos premonitórios. Clara também é acompanhada por um anjo: seu “amigo de luz” Léxor (Othon Bastos). Além disso, a garota prevê a morte de Verbena (Ana Lúcia Torre), a quem ela chama de tia e tenta ajudar na busca pelo filho desaparecido. Clara também pressente que a volta de Elisa (Mayana Neiva) à vida de Rodrigo (Gabriel Braga Nunes) não culminará no fim da procura do protagonista por sua alma gêmea. Ela afirma que Elisa não fará seu amigo feliz e pede a Miriam (Letícia Persiles) que salve Rodrigo da nova namorada. Clara também se preocupa ao perceber que a gravidez de Valéria (Andréia Horta) corre perigo, já que previu que este bebê terá o importante papel de unir seus pais no futuro. A garota desencoraja a irmã Miriam, que está apaixonada por Rodrigo e pensa que ele é o pai do filho de Valéria. Porém, ao afirmar que a criança irá unir as vidas dos pais, Clara parece já saber que, na verdade, o pai da criança é Josué (Raphael Viana).

¹³ “Psych” é uma série norte-americana que estreou em 2006.

¹⁴ A novela “Mulheres Apaixonadas” foi escrita por Manoel Carlos e exibida pela Rede Globo entre 17 de fevereiro e 11 de outubro de 2003, no horário das 21h.

Depois de abordar o espiritismo também em “Eterna Magia” e “Escrito nas Estrelas”, a autora Elizabeth Jhin explica as habilidades premonitórias da personagem mirim, através de conceitos da doutrina espírita que são inseridos no enredo da telenovela. Clara é classificada como uma das “crianças cristal”, que seriam - segundo a personagem Miriam, que é jornalista e escreve uma matéria sobre o assunto para a revista em que trabalha - uma nova geração de espíritos evoluídos portadores de auras brancas e mais desenvolvidos que os demais, tanto moral quanto intelectualmente. Estas crianças seriam algumas das nascidas a partir da década de 2000 e formariam a chamada “geração Z”. O fato de os fenômenos tidos como sobrenaturais serem explicados por uma personagem da novela – no caso, Miriam – proporciona a verossimilhança e a aceitação dos conceitos. “As personagens vivem o enredo, são os seus valores e atitudes que trazem “veracidade” às narrativas. Não espanta, então, que a personagem seja o que há de mais vivo na telenovela e que de sua leitura dependa basicamente o sucesso da história” (ANDRADE, 2003, p. 70).

Ao contrário do que ocorre em “Amor Eterno Amor”, “Fina Estampa” não abordou a temática espírita para explicar as premonições da personagem Luana, interpretada por Joana Lerner. Luana não é um espírito evoluído como Clara, e sim uma pessoa comum: uma prostituta que se assusta ao descobrir que possui o dom da vidência. Entre suas previsões estão: a morte de Zilé (Rosa Marya Collyn), o reatamento do namoro entre Patrícia (Adriana Birolli) e Antenor (Caio Castro), a explosão do automóvel em que estaria Antenor, a chegada de mafiosos que perseguiriam Íris (Eva Wilma) e a decepção de René (Dalton Vigh) ao descobrir que Griselda (Lília Cabral) é a verdadeira investidora que proporcionou a abertura de seu restaurante. Outro fator que distancia as personagens Clara e Luana é que a primeira exerce um papel preponderante junto aos protagonistas, influenciando em seu destino e em suas decisões enquanto a segunda faz previsões esporádicas não ligadas diretamente à protagonista da trama, interpretada por Lília Cabral. Enquanto Clara declara que o protagonista Rodrigo é seu melhor amigo, Luana pouquíssimas vezes contracenava com Griselda.

O personagem Joselito (Bruno Garcia) de “Aquele Beijo” fica entre o místico e o comum. A forma humorística como a trama é concebida não permite um aprofundamento que leve a temática dos dons especiais mais a sério. Porém ele faz previsões importantes dentro da trama, como a cura de Vicente (Ricardo Pereira) e as voltas do filho de Maruschka (Marília Pêra) e da mãe de Grace Kelly (Leilah Moreno). Já a personagem Iara, vivida por Cláudia Jimenez, não faz previsões verdadeiras enquanto está viva, mas, após sua morte, ela aparece para Joselito e ajuda a solucionar vários impasses da trama.

Enfim, percebe-se que são várias as formas como a paranormalidade e o sobrenatural são abordados pelas telenovelas, de acordo com seus propósitos e angulações. Os três exemplos citados aqui - “Amor Eterno Amor”, “Fina Estampa” e “Aquele Beijo” – mostram esta variedade, o que comprova a afirmação de Balogh (2006) a respeito da pluralidade e riqueza da ficção seriada brasileira no que diz respeito à utilização da intertextualidade.

CONCLUSÃO

No que diz respeito à necessidade da verossimilhança para o sucesso de uma obra de ficção, é de fundamental importância o entendimento de que a verossimilhança não é pura e simplesmente a semelhança entre o ficcional e o real. Uma trama televisiva, por abordar o sobrenatural ou o fantástico, pode não ser condizente com a vida cotidiana dos telespectadores, mas se torna verossímil na medida em que possui uma coerência interna enquanto obra de ficção.

A proliferação de séries e filmes que abordam as premonições com ligações ao sobrenatural ou ao fantástico - principalmente de obras que tratam dos preceitos espíritas, que têm feito tanto sucesso recentemente – torna-se uma fonte irresistível de conteúdos para as telenovelas, quando se leva em consideração a necessidade destas de estar constantemente buscando referências tanto no campo do ficcional quanto na vida cotidiana. A multiplicidade de fontes de referência e a potencialidade de apropriação das telenovelas as tornam obras ricas e plurais.

Fica evidenciado, após as análises aqui expostas, o alto potencial de apropriação e criatividade das obras de ficção seriada televisiva brasileiras no que diz respeito à intertextualidade das produções audiovisuais. Percebe-se que é este potencial que torna as tramas que abordam o sobrenatural e, mais especificamente a premonição, atraentes e verossimilhantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, D. P. **Telenovela** – o (in) discreto charme da burguesia. Maceió: Edufal, 1988.

ANDRADE, Roberta Manuela Barros de. **O Fascínio de Scherazade: Os usos sociais da telenovela**. São Paulo: Annablume, 2003.

BALOGH, Anna Maria. TV: Ficção seriada e Intertextualidade. In: Intercom, 2006, Brasília. **Anais eletrônicos...** Brasília: UNB, 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1594-1.pdf>. Acesso em: 10 de junho de 2012.

BAUMAN, Z. **O Mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

FOGOLARI, Élide Maria. **O visível e o invisível no ver e no olhar a telenovela: recepção, mediação e imagem**. São Paulo: Paulinas, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Viagens da telenovela: dos muitos modos de viajar em, por, desde e com a telenovela. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. (Org.). **Telenovela, Internacionalização e Interculturalidade**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MOTTER, Maria Lourdes. Mecanismos de renovação do gênero telenovela: Empréstimos e doações. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. (Org.). **Telenovela, Internacionalização e Interculturalidade**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MUNGIOLI, Maria Cristina Palma; LEMOS, Ligia Maria Prezia; KARHAWI, Issaaf Santos. Narrativa Fantástica e Identidade Brasileira na Minissérie “A cura”. In: Intercom, 2011, Recife. **Anais eletrônicos...** Recife: UNICAP, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-0355-1.pdf>. Acesso em: 20 de junho de 2012.

PAIVA, Raquel; SODRÉ, Muniz. Telenovela e Pastiche. In: Intercom, 2007, Santos. **Anais eletrônicos...** Santos: Unisantos, Unisanta e Unimonte, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1084-1.pdf>. Acesso em 5 de junho de 2012.

SODRÉ, Muniz. **A máquina de Narciso**: Televisão, Indivíduo e Poder no Brasil. São Paulo: Cortez, 1990.

TESCHE, Adayr. Ficção Seriada Televisiva como Instrumento de Mediação do Cotidiano. In: Intercom, 2001, Campo Grande. **Anais eletrônicos...** Campo Grande: UNIDERP, UCDB e UFMS, 2001. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP14TESCHE.PDF>. Acesso em: 20 de junho de 2012.

SITES

“**Amor Eterno Amor**”. Disponível em: <http://tv.globo.com/novelas/amor-eterno-amor/index.html>. Acesso em: 25 de maio de 2012.

“**Aquele Beijo**”. Disponível em: <http://tv.globo.com/novelas/aquele-beijo/index.html>. Acesso em: 15 de junho de 2012.

“**Crepúsculo**”. Disponível em: <http://crepusculo.telecine.globo.com/> Acesso em: 11 de junho de 2012.

“**Fina Estampa**”. Disponível em: <http://tv.globo.com/novelas/fina-estampa/index.html>. Acesso em: 11 de junho de 2012.

“**Heroes**”. Disponível em: <http://www.nbc.com/heroes/> Acesso em: 11 de junho de 2012.

“**Mulheres Apaixonadas**”. Disponível em: <http://mulheresapaixonadas.globo.com/> Acesso em: 11 de junho de 2012.

“**Nosso Lar**”. Disponível em: <http://www.nossolarofilme.com.br/> Acesso em: 15 de junho de 2012.

“**O Profeta**”. Disponível em: <http://oprofeta.globo.com/> Acesso em: 15 de junho de 2012.

“**O Vidente**”. Disponível em: <http://www.tv.com/shows/the-dead-zone/> Acesso em: 11 de junho de 2012.

“**Premonição**”. Disponível em: <http://finaldestinationmovie.warnerbros.com/dvd/> Acesso em: 10 de junho de 2012.

“**Psych**”. Disponível em: <http://www.tv.com/shows/psych/> Acesso em: 12 de junho de 2012.

“**Viver a Vida**”. Disponível em: <http://viveravida.globo.com/> Acesso em: 11 de junho de 2012.